

ALMAS DE MULHER: MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR EM CRÔNICAS AUTOBIOGRÁFICAS

Adelino Pereira dos Santos (UNEB)¹

Vivi a infância e a adolescência em um universo completamente feminino. Não é que não havia homens, mas eles estavam ausentes, às vezes com suas presenças sem muito significado. As almas que valiam mesmo, para o bem ou para o mal, eram as das mulheres que me rondavam. Nesse universo, testemunhei o amor, a bondade, a abnegação. Nele sofri a humilhação e o preconceito. Nele me constituí como pessoa. Estas crônicas revelam, minimamente, um pontinho desse universo. Minha biografia é curta, rica de dissabores e de alegrias: fui pobre desde sempre; miserável antes de nascer até os 21. Professor desde os 22, graduado em Letras aos 27, especialista aos 30, professor universitário desde os 33. Mestre aos 36 e doutor aos 38. Por que então, meu Deus, esses fantasmas ainda vivem em minhas memórias? Escrevo para marcar, à tinta, as toneladas de lembranças que me assombam. É desse modo que pratico o autoexorcismo

1 – Almas impuras

Não é só no corpo que a miséria absoluta deixa as suas feias marcas. Não são só a pele cinzenta, os dentes desalinhados, os olhos fundos, o rosto seco de cachorro magro. Não é só o cheiro de querosene tragado na roupa e no cabelo, ou a inhaca de suor velho incrustada nas axilas. Um menino preto, nascido, crescido, convivido nessas desumanas condições carrega muito mais. Estão ali, seladas em sua alma, pressas firmes como tatuagem, a imensa dor e a profunda vergonha. Dor não se sabe por que, condição quase natural de sua vida. Vergonha de nada e de tudo: de ser, de estar, de existir. Claro que esses sentimentos de dor e vergonha não nasceram com ele. Ele aprendeu desde muito cedo que isso é que era o viver; ou pior, lhes ensinaram. Foram pequenas lições cotidianas, como doses de água suja e fel que

¹ Doutor em Letras. Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: adesantos@uneb.br. Apoio: FAPESB/CAPES – Edital 017/2015.

lhes deram a beber, um pouco a cada dia. Ele não precisou ir muito longe, moravam ali mesmo, em sua vizinhança ou um pouco mais além, desfrutando quase que das mesmas condições de miséria ou bem afortunadas, as suas infelizes professoras. Algumas tinham a pele mais clara. Essas lhes ensinaram que a cor da pele negra, preta, parda, escura, cor de carvão, que pega cinza, cor de escravo, que essa cor não tem valor algum. Gente preta, coitada!, tem o cabelo duro, pixaim. Gente dessa espécie, Deus nos livre!, tem os lábios grossos, beiços grandes. Uma gentalha. E se o menino anda com roupas rasgadas, frangalhos em cima, trapos em baixo, aí mesmo que não se pode querê-lo dentro de casa e nem perto dos filhos. E se o menino ainda vive em um barraco de taipa, sem portas na frente ou no fundo, escorado dos lados para não cair, “Vixe!”, aí mesmo que deve mantê-lo distante, como bicho sarnento que transmite doença. Era isso que talvez pensasse dele Dona Edleuza.

Dona Edleuza morava em um barraco de tábua bem perto da ponte, na Rua do Matadouro. Mudou para lá no início dos anos 1980, antes disso morava na Vila dos Operários. Era casada com Seu Miro. Tinha um filho chamado Edielson, xodó de Dona Edleuza, que estudava em uma escolinha particular, na Praça da Triana. O barraco de Dona Edleuza tinha o piso vermelho, de cimento liso e pó “ocre de ferro”, que ela encerava com zelo todos os sábados. Tanto ela quanto seu Miro eram funcionários da Fábrica, companhia industrial de tecidos, centenária e histórica na cidade, empregadora de muita gente. Quem trabalhava na Fábrica tinha a sorte grande. Ganhava um salário mínimo, oito a dez horas de trabalho por dia, aposentadoria certa. Motivo de muito orgulho. Como trabalhavam lá ela e o marido, Dona Edleuza tinha sorte duas vezes. Por isso, Dona Edleuza se sentia muito especial. Passava com sua farda azul, saia justa e guardapó bem alinhados, rebolando as ancas empinadas, olhos e cara de quem não gostava de dar bom dia. Passava e nem olhava para aquela gente. O menino a seguia com os olhos até sumir no fim da rua. Dona Edleuza voltava à noite ou no fim da tarde, com o guardapó azul sujo de algodão e linha branca. Na casa de Dona Edleuza tinha geladeira, que ela usava para vender geladinhos, a dez centavos cada. No barraco de tábua coberto com telha de amianto ela puxou uma varandinha e pendurou saquinhos de pipoca e banana da prata. Em frisqueiras ela guardava e vendia amendoim, bala, chiclete, quebra-queixo. Na casa de Dona Edleuza tinha televisão em preto e branco, que ela ou Seu Miro ligava das onze horas ao meio dia e meia para Edielson assistir aos *Thundercats*, *He-man* ou *She-Ra*. A casa de Dona Edleuza era a tentação dos olhos e desejos do menino.

Um dia, Dona Edleuza passou de casa em casa distribuindo convites para o aniversário de Edielson. Faria cinco anos, com festa animada na tarde de domingo. O menino não entendeu por que razão dona Edleuza pulou uma casa. Ela se esqueceu de entregar o convite

no casebre do menino. Não deveriam ir todas as crianças da rua? E na casa do menino não havia mais quatro crianças, além dele? Talvez dona Edleuza tenha ido buscar mais convites. Seriam muitas crianças a cantar os parabéns e desejar feliz aniversário a Edielson. O menino esperou, esperou e esperou, mas o convite não veio. Dona Edleuza, com certeza, esqueceu-se de trazê-lo. Mas isso não foi motivo para o menino se desanimar. No domingo, ao meio dia, já se tinha banhado e arrumado os irmãos menores. Era só aguardar o momento especial: bolo, guaraná, pipoca, roupinha de palhaço de Edielson e muita bola de soprar. Às quatro e meia o menino ouviu a música do *Balão Mágico*. O aniversário tinha começado. O menino quase gritou de alegria. Puxou os irmãos pelo braço e correram rua abaixo na direção da casa de Dona Edleuza. Na porta estavam ela, seu Miro e Edielson recebendo os convidados. Quando o menino se aproximou com seus irmãos Dona Edleuza logo avisou: “aqui só entra quem tem convite!”. O menino se deu conta, então, que ele e os irmãos eram as únicas crianças da rua que não tinham sido convidadas.

Aos nove anos o menino saiu de casa para o seu primeiro emprego. Nessa época ele ainda não frequentava a escola, coisa só passou a fazê-lo quando completou onze anos de idade. Passou a ser faxineiro na casa de Dona Alba, mulher de um famoso advogado da cidade. Dona Alba era professora primária e dava aulas para meninos pobres e remediados no Grupo Escolar Lomanto Júnior. Dona Alba era a encarnação da elegância e da indiferença. A casa de Dona Alba era um palacete na Rua do Conselheiro, a duas quadras do Comando da Polícia Militar. Grande jardim na frente, com uma jaqueira centenária, grama verde, muito antúrio e pés de jasmim. Havia duas varandas com portas de vidro, uma na frente e outra no fundo da casa. Na varanda do fundo, coisa incrível!, ficavam bicicletas engraçadas, que não saiam do lugar. Diziam que ali o doutor advogado e seus filhos praticavam exercícios físicos, hábito difícil de ver naqueles tempos. Nessa bela casa, de jardim com flores perfumadas, o menino aprendeu, bem direitinho, as lições diárias de humilhação. Dona Alba era uma excelente professora.

Um dia, os dois filhos de Dona Alba estavam a brincar na varanda do fundo: carrinhos mágicos que andavam sozinhos, bolas coloridas, *skates*, bonecos *Falcon* e dos *Playmobil* e até raquetes de tênis estavam espalhados na varanda do fundo, junto com as bicicletas engraçadas. A idade dos filhos de Dona Alba era muito próxima da idade do menino: um com cinco ou seis, outro com nove ou dez anos. Era o fim da tarde daquele dia. O menino já havia catado as folhas de jaqueira do jardim, já havia encerado o assoalho da sala do piano, já havia limpado o cocô na casa do cachorro, já havia lavado os banheiros da suíte, do quarto da empregada, do corredor; e já havia varrido a área do fundo.

Depois do almoço, que o menino só podia comer sentado no chão ou no banquinho da área de serviço, em frente à casa do cachorro, o menino limpou, em cima de uma escada, com álcool e flanela amarela na mão, todos os vidros das janelas e das portas. Já havia terminado suas obrigações diárias, enfim. Quando o menino viu os brinquedos, encheu-se de entusiasmo e saltou para a varanda, para brincar com os filhos de Dona Alba. Os garotos, limpos, bem vestidos, perfumados e penteados pareciam ter gostado da ideia: pularam nas costas do menino e ambos cavalgaram, batendo com as botinhas de couro no chão para fazerem o som do trote do cavalo. Ao ouvir o barulho, então, Dona Alba se apressou a correr, a proteger os meninos e a explicar que “nessa gente não se toca”, ainda mais que eles já tinham tomado banho.

2 – Almas caridosas

Dona Caboquinha não tinha um dente na boca. Não se sabia ao certo quantos anos ela tinha, mas nenhum de seus filhos tinha menos de trinta ou quarenta anos. Eram muitos. Moravam todos ainda com o pai e a mãe, na quarta casa à direita, antes da casa do menino. Uma de suas netas era quase da mesma idade do menino. Filha da filha do meio. Dona Caboquinha pouco falava, mas muito sorria. Não conseguia completar uma frase inteira sem que não a interrompesse para dar uma gargalhada. O menino nunca conseguiu compreender porque ela sorria tanto. Dona Caboquinha era uma heroína. Muitas vezes quando estavam com fome, isso lá por perto do meio dia, o menino e seus irmãos ficavam na frente da casa, esperando para ver se Dona Caboquinha aparecia. Eram cinco crianças. Ele era o mais velho. Sua mãe saía para trabalhar, no mangue ou na roça, e ele ficava em casa, a cuidar dos irmãos. Eram quatro meninos magrelos e uma menina de pernas finas e barriga grande. Todos olhudos, pele e ossos a revelarem a muita fome curtida. Dona Caboquinha aparecia de vez em quando com uma panela de feijão gordo. Delícia de feijão com grandes pedaços de tocinho. Carne seca escondida por baixo do caldo grosso. O cheiro forte e gostoso que subia pelas narinas os deixava com água na boca. Colocavam as porções nos pratos, jogavam em cima farinha de mandioca e comiam com gosto, coração e alma. Lambiam os dedos depois. Dona Caboquinha olha e ria. Dizia: “Olha, não vão comer tudo, não. Deixem pra Deza, viu?” Era assim que ela chamava a mãe do menino. Mas, antes de completar a frase, sem nenhum dente na boca, ela sorria, sorria e sorria.

Ao contrário de Dona Caboquinha, Dona Dirce nunca sorria. Morava do outro lado da rua, a uns trezentos ou quatrocentos passos do casebre. Era a melhor casa da rua. Tinha televisão colorida e telefone. O filho mais velho de Dona Dirce dirigia uma caminhonete. Todas as filhas dela vestiam-se com luxo e pouco falavam com as pessoas da rua. Aquela família era de outra classe social. Era um povo superior. Mas Dona Dirce era a segunda heroína na vida do menino. Chegava com suas panelas de moqueca de peixe: robalinho, pipira, vermelho, cação, arraia. Moqueca de siri catado, de caranguejo. Frigideira de aratu. Por anos e anos ela cumpriu esse ritual. A comida chegava quentinha, na hora do almoço. Quando Dona Dirce entregava uma panela, devolviam-lhe a outra, a de dois ou três dias atrás. Em torno do meio dia, quando a fome aumentava e quase sempre não tinham o que comer, punham-se na porta, a esperar as almas caridosas. O primeiro que via, gritava, em festa para os outros: “Lá vem Dona *Dilce!*” ou “Lá vem Dona Caboquinha!”. Sem dente na boca, com muito sorriso, ou reta, firme e sem sorriso algum. Assim eram as heroínas, três ou quatro casas além, por muito tempo motivo de alegria.

3 – Almas puras

Estava tudo muito bem explicado. Já iria começar a revisão. Pensou consigo que os alunos já estavam dominando o uso de *in*, *on*, *at* e *over*. Precisava explicar melhor as preposições *in front of* e *across from*. Era o terceiro sábado de aula do segundo livro. Ademais, esse assunto já fora dado no semestre passado. Hora de reler os textos, escutar o CD com a gravação da lição principal, treinar *listening* e depois pedir para produzirem o texto final. Levantou a mão para escrever no quadro branco, quando o telefone tocou: “Ela faleceu hoje de madrugada. O sepultamento será às 17 horas”. Talvez tenha dito obrigado. Largou o telefone e entrou na sala de aula. Fez a revisão, pôs o CD para a escuta. Explicou e corrigiu os textos que lhe apresentaram. Não pensou. Ou melhor, não quis pensar. Depois da aula tomou banho e comeu. Comeu como se nunca mais pudesse fazê-lo. Abriu dois litros de refrigerante de laranja e deixou a garrafa quase vazia. Depois disso ligou a televisão e se prostrou, deitado na cama. Deram seis, sete, oito, nove, dez horas. Meia noite ele ainda estava lá, na mesma posição, vendo não se sabe o que na tevê. Foi assim que o rapaz reagiu à notícia do falecimento de Dona Lourdes. Era outubro de 2002, um sábado qualquer daquele mês. Ele, há seis anos professor de inglês, cumpria, naquele dia, uma rotina do curso onde trabalhava.

Não foi ao sepultamento, não conversou com ninguém sobre o assunto. Não chorou. Não disse uma palavra. Na última vez que ele foi vê-la ela já estava em estágio final. Entrou

no quarto e viu uma sombra encolhida na cama. Um lenço na cabeça, pele e ossos. Quando ouviu o nome do rapaz virou-se para ele. Seus olhos sempre foram fundos. Duas luzes pretas brilhavam nas órbitas quase vazias. Sorriu e disse, com voz fraca. “Ah, você!”. “Não estou bem não, meu filho”. “Esta semana eu quase subia, tampada”. O rapaz não conseguiu dizer nada. Olhou-a longamente. O coração, angustiado, enviou para os olhos manchas pretas que tisonaram a visão. Um nó na garganta. Um aperto no peito. Uma sensação insuportável de calor e frio. Saudade imensa não sabia bem de que. Tristeza profunda. Saiu. Foi direto para a rodoviária. Não queria mais voltar àquela cidade, onde vivera toda a infância e juventude, até finalmente sair de lá aos vinte e cinco anos. Soube de sua doença assim, meio que ao acaso: “Como vai sua mãe?”, perguntou por perguntar à filha mais nova. Esperava ouvir, como sempre, a mesma resposta: “Está bem, obrigada!” porque no imaginário do rapaz ela sempre estaria bem. Mas, veio a resposta inesperada: “Esteve internada. Uma dor do lado, muito forte. O médico diagnosticou câncer. Já está em estágio avançado”. Daquela vez, também, não ele não disse palavra. Arrastou-me sorrateiro para a rodoviária. Voltaria lá, à sua cidade natal, somente três ou quatro meses depois, para vê-la pela última vez.

Em maio de 2003 ele estava estudando para a seleção de professor substituto da universidade onde trabalha. Cansado, adormeceu na rede, coberto de livros. Quando abriu os olhos ela estava lá, ao seu lado, sorridente e bela como nos dias de sua infância. Dois olhos fundos lhe olharam com ternura. Ela levantou o braço direito e passou a mão na sua cabeça. Sua boca nada disse, mas os ouvidos escutaram: “Não se preocupe, você vai passar”. Ela sorriu e desapareceu. O rapaz abriu os olhos, procurou-a por todos os lados. Chorou por muito tempo, choro forte, inundado de lágrimas. Colocou para fora toda a dor que sentia, toda emoção represada desde a notícia de seu falecimento. Dona Lourdes era uma dessas almas puras que andam, quase solitárias, pelos caminhos do mundo. Quando o menino nasceu ela já vivia ali, vizinha três casas além da sua. Morava com o pai, o velho Eustáquio, que passava o dia sentado na cadeira na porta da rua, cuspidando para fora e resmungando, esbravejando com as crianças, que pulavam, descalças, para não pisar no cuspe. Dele também nada se sabia falar. Morreu logo. O menino só sabia dele o que ela lhe dizia, que o velho Eustáquio não a tinha posto na escola para ela não aprender a escrever bilhetes para namorados. E disso ela guardava mágoas, sentidas em suas palavras. Passou a vida analfabeta. Aos 60 anos, finalmente, entrou em um curso de alfabetização de adultos. O rapaz lembrou-se com ternura dos seus olhos brilhando, mostrando-lhe, lápis e papel na mão, que agora já sabia assinar. Casada, seu marido, mecânico, era apenas um bonachão, nunca se via sóbrio. O marido, mesmo bêbado, não brigava. Demorava falando porque gaguejava, caminhava lentamente

para o quarto, no fundo da casa, para só sair de lá no outro dia, para trabalhar e voltar de novo, à noite, tão bêbado como no dia anterior.

Era Dona Lourdes que trabalhava para pagar o aluguel e manter as despesas da casa. As duas filhas, depois de crescidas, ajudavam. Ela era costureira, lavava roupa de ganho e ainda era faxineira em uma escola estadual, funcionária da prefeitura. Nunca se via ociosa, a não ser aos domingos à tarde, para assistir, na casa da comadre, sua vizinha, ao programa do Silvio Santos, dar gargalhadas sonoras e dizer como se falasse a um amigo próximo: “Ah, esse Sílvio!”

Ninguém na casa de Dona Lourdes era aficionado em leitura. Apesar disso e de ela não saber ler, ela sempre comprava livros. Muitos livros. Os vendedores passam na porta. Ela comprava a prestação. Um dia, o menino brincava na porta, sob o sol morno do fim da tarde, quando ela o chamou: “Venha cá, Dé, ver o que eu comprei para Gildete!” E lhe mostrou uma coleção inteira da Enciclopédia *Barsa* e outra coleção de livros, capas grossas azuis com letras douradas: *Guia do estudante do primeiro ao segundo grau*. Uma fortuna. Pérolas pagas ao custo de muita roupa lavada, muita poeira varrida e com os gritos de entusiasmo do menino, que adorava livros. Daquele dia em diante as tardes do menino passaram a ser mais coloridas. Com uma mesa no quintal, enquanto Dona Lourdes lavava roupa e lhe olha com risos nos lábios, olhos brilhantes, expressão de carinho, o menino lia e comentava as lições que estudava. Leu um por um os livros que ela comprara, supostamente para sua filha, que nunca, nunca mesmo os abria.

Naquela manhã de maio, depois das lágrimas sentidas, dos meses tristes por causa de sua morte, o rapaz tentou buscar na memória os defeitos de Dona Lourdes. Tentou todas as possibilidades. Reviu, na mente, todos os possíveis defeitos humanos. Nada. Havia de ter algum, não era possível. Nada. De repente, lembrou-se! Um dia, cursava a quarta série primária, Grupo Escolar Conselheiro Zacarias, turma da noite. Desde a terceira série ele teve que estudar à noite, para trabalhar durante o dia. Andava meio desestimulado porque à noite tudo era muito fácil. Ele era o mais novo da turma. Enquanto ele lia e contava bem, os colegas, adultos todos, mal balbuciavam as palavras escritas. Soletravam com dificuldade. Teriam prova de Matemática. Chegou mais cedo à escola e lá estava Dona Lourdes, rodando no mimeógrafo as provas do dia. Quando o menino chegou, ela perguntou se ele não ia estudar. Ele respondeu, meio gaboso: “Estudar para quê?! Já sei tudo. Vou tirar dez.” Ela, então, olhou para ele e o advertiu que ele não podia ficar ali, que ela estava rodando as provas. Só havia ele e ela na escola. “A prova de Matemática? Deixe-me ver, Dona Lourdes?” Pediu para ver a prova, não por malícia ou desonestidade, mas para confirmar se realmente já sabia

de tudo. O menino, e depois o rapaz, nunca pôde esquecer o que aconteceu ali, naquele dia. Viu Dona Lourdes tremer, ficar vermelha, roxa. Olhar para ele, com olhos de quem cometia o maior dos pecados. O menino insistiu. Ela lhe estendeu a prova. O menino passou rapidamente os olhos sobre o papel e gritou, com entusiasmo: “Eu sabia, eu sabia, Dona Lourdes, vou tirar dez, vou tirar dez!”. Ela sorriu, satisfeita e ainda rubra. Somente muito mais tarde o rapaz pôde compreender a hesitação, a tremura, a vergonha no rosto e a mão trêmula quando lhe entregou a prova. Ela se corrompeu, naquele dia, não por ser desonesta, mas para lhe ver feliz. Esse foi, talvez, o único pecado que ela cometeu na vida... Se pecado aquilo foi.

Sua mãe ligou e disse que Dona Matilde estava internada. Ele pegou o ônibus, saltou na rodoviária e seguiu direto para o hospital. Era dezembro de 2006. Dona Matilde completara 69 anos. Poucas semanas antes ele a tinha visitado, como sempre o fazia toda vez que ia a sua cidade natal. Olhou para ela e um sentimento de carinho percorreu todo o seu corpo. Ela traja um vestido roxo com flores amarelas. A cor escura do vestido contrastava com a pele branca. Ele disse todo cheio de carinho: “A senhora está linda, hoje”. Ela, sorriso pálido nos lábios, respondeu, lastimosa: “Eu, coitada. Não estou muito bem, não. Esta semana mesmo tive que ir ao hospital. A diabetes não está me deixando em paz”. Por muito tempo ela fumara, um maço de cigarro por dia. Era ele que ia comprar, na venda de seu Antônio, os maços de *Hollywood*. Quando essa marca se tornou muito cara, ela trocou por *Plaza*, mais barata. Todas as irmãs e o irmão de Dona Matilde sofriam de diabetes. A mãe dela também morreria, quase cega, por causa dessa doença. Quando o rapaz chegou ao hospital, ela estava em um quarto onde havia uma outra senhora, ambas com seringa de soro no braço, deitadas, em posição de conversa. A outra mulher perguntou: “Esse também é seu filho?”. Ela hesitou, antes de responder: “Não, filho, não, mas é como se fosse”. “Ele foi criado junto dos meus”.

De fato, ele foi criado junto dos dela. Ela teve sete filhos. Um deles morreu ainda jovem, depois de uma crise aguda de paralisia infantil. Criara ainda o filho mais velho do marido, do primeiro casamento. Era na casa dela que o menino assistia a televisão, único aparelho, em preto e branco, na vizinhança mais próxima. Era para a casa dela que ele corria quando a mãe o surrava. Era para lá que ele ia a pedir açúcar, um pouco de farinha, pegar água para cozinhar e para tomar banho. Foi ela que lhe ensinou a lavar e passar roupa. Era sentado na mesa da cozinha da casa dela que ele fazia o dever de casa. Era lá também que ele comia, de vez em quando, quando em sua casa não havia nada para comer. Era para ela que ele contava seus sonhos, que falava de suas fantasias e de seus desejos de criança. Para ela também ele corria para contar as novidades da escola. Ela era branca. Muito branca. Casara

com um marido negro e por isso tinha filhos negros e brancos. Ele era um negrinho no meio dos negrinhos dela. Mas ele, quando muito menino, brigava muito com Cristovão, seu filho caçula, um ano mais novo que ele. Eram também os melhores amigos. Juntos tiveram catapora e papeira. Juntos quase morreram, os dois, de sarampo. Ela lhes dava banho de sabugueiro, *mingau de cachorro* com alho, passava mertiolate e violeta nas feridas. Juntos também, Cristovão e ele, buscavam e entregavam trouxas de roupa que ela lavava. Assim como a sua comadre, Dona Lourdes, Dona Matilde também lavava roupa de ganho e costurava. Era ela que fazia as bermudas e as camisas com os retalhos que a mãe do menino comprava na queima da loja da Fábrica. Era ela também que, invariavelmente, ajudava sua mãe a comprar o meu material escolar, no início de cada ano. Dona Matilde, que muitos filhos tinha na escola, reservava para ele e para seus irmãos o mesmo cuidados que tinha para com os próprios filhos.

Se na vida lhe faltou o cuidado e a presença de um pai, o menino teve a sorte de ter sido cuidado também por ela. Ela se foi às vésperas do Natal de 2006. Mesmo com a sua verdadeira mãe viva, ficou órfão de mãe pela segunda vez. Dona Matilde foi, então, a segunda alma pura que ele encontrou na vida. Só teve algum defeito, foi o vício de fumar. Por mais que tenha tentado, seu coração de filho “como se fosse” nunca conseguiu descobrir nela outro defeito. Mas, quem disse que anjos também não fumam?

Mais tarde, como homenagem nas páginas iniciais de sua dissertação de mestrado, o menino, agora rapaz, professor universitário, escreveria este poema em homenagem a essas duas *almas puras*:

À memória de D. Lourdes

À memória de D. Matilde

Dois Anjos bons desceram do Céu para ser guias no meu trajeto escolar

E na minha vida...

Escolheram frágeis formas humanas, de mulheres do povo

Lavadeiras, costureiras.

Uma era analfabeta, a outra, pouca letra conhecia.

Escolheram morar na minha vizinhança.

Quando eu falava de escola

Olhos brilhavam

Rostos sorriam

E seus ouvidos todos os dias escutavam minhas aventuras de estudante...

-Você já estudou, “Dé”? Foi bem na prova? Quanto tirou?

- Tirei dez.

-Ah, eu sabia... E longamente sorriam.

Todo os anos era assim:

-Você já se matriculou? Tome aqui a tua farda. Tem cadernos? Tem livros? O que te falta?

Retornaram ao Céu.

Mistérios da vida, mulheres, mães... Quanto coração! Quanta sabedoria!

A cada passo vitorioso

Me sinto ainda menino

A tirar dez na prova

Só para ver o brilho do seu sorriso.

4 – Almas misteriosas

Quem saberia explicar, com riqueza, os mistérios que constituíam aquelas duas almas de mulher? O menino cresceu e em plena adolescência deparou-se com elas. Na noite daquele domingo, o rapaz foi ao Centro acompanhado de uma amiga. Há muito discutiam sobre os sentidos da vida, o destino dos homens, sobre o que vem depois da morte. No andar de baixo ficava uma creche, onde várias crianças carentes eram assistidas, tinham comida e escola enquanto os pais trabalhavam ou porque era melhor do que ficar com fome nas casas dos pais desempregados. O Centro tinha paredes brancas e bancos rústicos, de madeira, pintados também de branco. Quando o rapaz entrou o culto já havia começado, por isso os assistentes estavam de cabeça baixa. À frente, uma mesa grande com um vaso de flores. No meio da mesa, uma garrafa de vidro transparente cheia de água. Pequenos copos descartáveis, em uma bandeja, perto do vaso de flores. Pessoas vestidas de branco sentavam-se ao redor da mesa. Na lateral esquerda, presidindo a seção, lá estava ela, Dona Zete. Ou, melhor, lá estavam elas: Dona Zete e Cirnéia. Assim que o rapaz entrou, sentou-se no último banco. Dona Zete e Cirnéia levantaram-se, dirigiram-se até o rapaz, pegaram-no pelo braço e o levaram para a mesa. Como poderia ser, se o rapaz tinha entrado ali pela primeira vez? Mas o rapaz não hesitou, acompanhou *a senhora* e se sentou em uma das cadeiras ao redor da mesa. Dona Zete e Cirnéia eram duas almas de mulher que compartilhavam um mesmo corpo. Dona Zete, católica praticante, dizia pouco acreditar nas coisas do espírito. Estava ali para cumprir sua obrigação. Cirnéia, freira católica, estava ali, em espírito, para cumprir uma missão. Dizia pouco acreditar nas coisas do catolicismo. Daquele dia em diante o rapaz passou a frequentar com assiduidade aquele centro. Alia se fazia uma mistura de catolicismo, umbanda, candomblé e doutrina espírita. Ali, almas vivas e vivas almas conviviam em harmonia, não se sabia, ao certo quem era umas ou outras.

Um dia, o rapaz conversava com Dona Zete sobre o sentido da vida. Estava ainda muito perturbado com os fenômenos que lhe aconteciam. Sabia que não poderia ser simplesmente imaginação a voz imponente que ouvia quando fechava os olhos do corpo para poder enxergar com os olhos da alma. Ele se lembrou de certa vez que uma mulher se aproximou dele na sala de passes do Centro. Logo em seguida entrou um velhinho que se apresentou para ele pelo nome de João, avô da moça que estava à sua frente. O velhinho disse que precisava falar com a neta porque tinha que mostrar que a morte não existia. Que ele, ali, era a prova viva disso. Que ela parasse de sofrer para que ele pudesse seguir em paz. O rapaz se recusou a deixar o velhinho falar. Ele sabia que não era difícil. Já tinha praticado esse fenômeno inúmeras vezes. Mas, naquele caso, era diferente. E se a senhora, à sua frente, não tivesse conhecido avô algum? E se não se lembrasse de nenhum João? Como ficaria ele, o rapaz, ali desmascarado, chamado de mentiroso? Nesse momento, o guia espiritual do rapaz apareceu e com sua voz imponente o advertiu sobre a necessidade de ele ter fé nos próprios fenômenos com que estava envolvido. Mas, ainda assim, o rapaz relutou. Quando, enfim, resolveu que nada faria para não ser chamado de louco ou mentiroso, o velhinho dele se aproximou e tão perto ficou que o rosto do rapaz se transformou, o corpo encurvou-se como que tombado pela idade, as pernas fraquejaram e a mulher, parada a sua frente, gritou, de repente, assustada: “Vovô João!”. Foi, somente então, que o rapaz deixou, por fim, o velhinho se despedir, ali, naquele misterioso fenômeno, de sua adorada neta. Ao contar esse caso para Dona Zete, a imponente senhora respirou fundo e, para surpresa do rapaz, confessou: “Sabe, meu filho, sei que não é fácil, não. Vivo esta vida desde menina. Não suporto mais ser portavoza de tantas almas que não descansam em seu mundo. Eu sou católica, sabe, e é na santa igreja que tenho fé. Cumpro meu carma apenas por obrigação”. Nesse momento, repentinamente seus gestos mudaram, suas feições se tornaram mais suaves e sua voz mais macia e delicada. “Sabe, meu filho, fui católica, fui freira, mas hoje o que sei e vivo é a pura realidade do espírito. Sei que a igreja católica é uma importante instituição para a educação das almas que, encarnadas, precisam cultivar a fé e a esperança em dias melhores. Hoje, contudo, sou espírito. Para mim é uma felicidade poder cumprir minha missão”. Era Cirnéa, que estava ali, ao lado, aguardando o seu momento de participar da conversa.